

V ENCONTRO ESTADUAL DAS GRADUAÇÕES EM DANÇA DO RS



Eixo 1: Poéticas e pesquisa em dança

PESQUISANDO A PESQUISA: BRUTA FLOR PROCESSO DE CRIAÇÃO EM PESQUISA

DEFFACI, Kátia Salib (UERGS)¹

LOPES, Sílvia S. (UERGS)²

SASTRE, Cibele (UFRGS)³

RESUMO: Este texto apresenta as ações da Linha de Pesquisa Poéticas do Corpo em Movimento do Grupo de Pesquisa em Práticas Corporais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Integrantes da linha de pesquisa iniciam um projeto de prática-pesquisa a partir

¹ Doutoranda em na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Docente do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. E-mail: katia-deffaci@uergs.edu.br

² Mestre em Educação pelo PPGEDU da UFRGS; Especialista em Fisiologia do Exercício pela Universidade Veiga de Almeida do Rio de Janeiro; Licenciada em Educação Física pelo Instituto Porto Alegre. Professora do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura da Uergs. Membro do Grupo de pesquisa Gepraco da Uergs. E-mail: silvia-lobes@uergs.edu.br Fone: (51) 9775 4997

³ Doutora em Educação, mestre e bacharel em Artes Cênicas sempre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. CMA - Analista de Movimento Laban/Bartenieff certificada pelo Laban/Bartenieff Instituto of Movement Studies – New York, com bolsa do Ministério da Cultura do Brasil. Especialista em Consciência Corporal – Dança Faculdade de Artes do Paraná – FAP-PR (atual UNESPAR). Atualmente é docente no Curso de Licenciatura e especialização em Dança da UFRGS. E-mail: cibsastre@gmail.com

de uma investigação compartilhada dos modos individuais de operar com as perguntas que alimentam a criação em dança dos pesquisadores envolvidos e a escrita dos procedimentos artísticos. O compartilhamento das questões individuais de pesquisa deu-se por meio da criação de um fragmento coreográfico intitulado Bruta Flor. Aqui, relata-se o processo que fez emergir a obra Bruta Flor que envolve não só um processo de criação compartilhado mas ações de extensão que estendem o corpo da pesquisa e das pesquisadoras a outros contextos de fluxo constante entre o dentro e o fora do corpo, da pesquisa e da criação. Como relato de uma investigação em andamento cujo principal objetivo é pesquisar a pesquisa, não há o que concluir, neste momento, senão expor corpos em texto em estado de pergunta que ganham liberdade na amplitude do querer.

PALAVRAS-CHAVE: Dança – prática-pesquisa – processo de criação

Este texto apresenta o começo de um projeto de prática-pesquisa compartilhado a partir de problemas de pesquisa individuais para criação em dança. O projeto emerge no Grupo de Pesquisa em Práticas Corporais, GEPRACO a partir da Linha Poéticas do Corpo em Movimento. O compartilhamento das questões individuais deu-se por meio da criação de um fragmento coreográfico intitulado Bruta Flor. Assim, Bruta Flor torna-se metáfora de um projeto de prática-pesquisa (FERNANDES, 2015) em andamento que dispara questões de pesquisa e de registro de prática-pesquisa no meio acadêmico. O fragmento coreográfico foi apresentado em eventos artísticos e científicos e suas apresentações tornam-se, também elas, questões de pesquisa. A realização de um debate por meio da prática sobre processos de criação em dança como procedimento de pesquisa adere ao campo que vem sendo chamado de Pesquisa Performativa por Brad Haseman (2006), para lidar com tantos modos de produzir pesquisa como/através da/com/na prática, no âmbito acadêmico. O texto que segue é um relato dos experimentos realizados e das questões que emergem e que aguardam o segundo momento da pesquisa em que os modos de registro estarão sendo problematizados. O relato inclui uma atividade de extensão realizada na UERGS em 2015 com professores-artistas convidados em eixos correlatos aos problemas de pesquisa de cada integrante de Bruta Flor. O projeto Encontros com quem faz Arte e Educação Performativa em Dança contemplou Criação em Dança na Escola; A Dança e a Educação Somática como

prática-pesquisa e os estudos interculturais de danças afrobrasileiras contemporâneas. Articulação entre extensão e pesquisa, que não se restringe a, mas encontra correlações nas divisões entre teoria e prática são os grandes temas subliminares à proposta que será relatada.

Prática e pesquisa – o começo

A articulação entre prática e teorias de dança e de pesquisa em dança é a proposta de trabalho da Linha de pesquisa Poéticas do Corpo em Movimento do GEPRACO/UERGS. Bruta Flor começa com a discussão de textos a partir da proposição de Laurence Louppe de uma poética para a dança contemporânea, e da idéia de prática-pesquisa vinculada à proposição de pesquisa performativa feita por Brad Haseman e da interlocução de Ciane Fernandes ao texto dele, além de trechos da tese Entre o Performar e o Aprender. Um primeiro encontro para a prática já reservou surpresas positivas às pesquisadoras: ao relatar o que cada uma executou para seu aquecimento, solicitado para fins de pesquisa a partir da pergunta – como posso aquecer o corpo em cinco minutos para uma prática de criação em dança? - percebemos um modo muito particular, não só nos movimentos de cada integrante, mas em cada narrativa. Entre descrições de ação (partes do corpo, zonas espaciais percorridas, tratamento do tempo, conectividades acessadas, presença), descrições de motivações (dores, cansaço, busca de harmonização do corpo) e metáforas (jogos, receitas, diversão), fomos identificando em cada uma de nós os modos como nos relacionamos com o material de criação e sua descrição. A partir disso, buscando aproveitar parte do material de movimento usado para o aquecimento individual, cada uma foi convidada a produzir uma sequência muito breve que pudesse sintetizar, naquele momento, o que vínhamos desenhando como questão de pesquisa. Dentre as três, uma em fase recente de finalização da pesquisa de doutorado e duas em fase de estruturação de seus projetos de doutoramento. Destas pequenas sequências surgem muitas ideias coreográficas que imediatamente instalam-se no ambiente a partir da possibilidade de uso de diferentes objetos que ajudem a representar e até mesmo narrar as questões singulares, afinado com os processos de descrição de seus aquecimentos: narrativas, metáforas, presença. Palavras

poéticas foram fundamentais nesse processo, que foram chamadas de conexões poéticas de dentro e fora: impulso; querer – queres – bruta flor do querer – copo vazio – vaso vazio, entre outras.

Dentre as narrativas, surge uma receita de rosca de polvilho de avó: um desenho de solo de deslocamentos com as diferentes propostas de movimento. A prática coreográfica antecipa os problemas de pesquisa já em pesquisa. A metáfora do corpo antecede a teoria, mas não a produção de sentido. Deste primeiro encontro conclui-se que não há texto sem corpo em proposições de pesquisa que envolvem um processo de criação.

A busca pelo empoderamento do corpo como discurso e pesquisa é eixo forte na constituição das pesquisas em arte desenvolvidas nos cursos de artes da UERGS, sobretudo teatro e dança, vinculando os saberes da educação e da prática artística à formação de um professor-artista. Ao afinar a proposta do corpo como discurso à alternativa de pesquisa performativa que Haseman propõe às já instituídas pesquisa qualitativa e quantitativa na academia, criam-se novas relações de poder em relação aos saberes do corpo que estão anunciados em proposições como Bruta Flor. Essa proposição compõe o que pesquisadores vinculados aos Estudos da Performance chamam de *virada performativa*, que junto à virada linguística, criam um conjunto de “produtivas viradas no pensamento crítico do século XX” (DOYLE, apud SASTRE, 2015), que segundo Denzin incluem a mais conhecida virada linguística de Saussure, a virada pictórica na filosofia, a virada narrativa relativa a narrativas pessoais e cultura oral; a virada cultural e a virada performativa que inclui estudos do comportamento ligados a gênero e diferenças (DENZIN, 2003). Esse conjunto de viradas é associado por Denzin, a “movimentos simultâneos dos estudos culturais e da performance de tornar a pedagogia crítica e as teorias feministas e marxistas como projetos etnográficos” (2003, p 27-28). A poética corporal da dança vinculada aos estudos da performance como prática performativa empodera-se no argumento de que “o performativo é pedagógico e o pedagógico é político” (DENZIN, apud SASTRE, 2015).

Transitando entre estruturas e interpretações da macro e micro esfera social aqui representadas pelos Estudos da Performance e pelas práticas performativas/pedagógicas no curso de dança da UERGS através de seus professores, a dramaturgia corporal que se produz em

Bruta Flor foi compartilhada em sala de aula através de ensaios para apreciação de alunos. Sem que estes tenham tido informação sobre a obra, ouvimos suas observações que fizeram parte do caderninho de ensaio. Eles produziram leituras vinculadas ao componente curricular de improvisação e análise de movimento, a partir do qual puderam fazer algumas leituras de movimento de cada uma das professoras-artistas associando qualidades expressivas pessoais às qualidades de movimento coreográfico. Essa associação é rica no contexto em que a obra está sendo criada, pois foi exatamente esta a proposição de composição: o ponto de partida ser o motor pessoal em relação às indagações de pesquisa.



Foto 1 – Bruta Flor – Mostra de dança inverno.



Figura 2- Bruta Flor Mostra de dança Inverno 2015.



Figura 3 – Bruta Flor – Mostra de Dança Inverno 2015.



Figura 4- Bruta Flor – Mostra de Dança Inverno.

Oportunidades de apresentação deste fragmento em construção desafiaram Bruta Flor, que foi criada e apresentada em pouco mais de um mês de trabalho. A apresentação foi um desafio desejado para que a primeira forma coreográfica fosse desenhada e o grupo pudesse contar com um material de movimento sobre o que seguir investigando. A apresentação na Mostra de Dança Inverno do Centro de Dança da Secretaria de Cultura de Porto Alegre trouxe surpresas e novas condições: o desenho de luz começou a interpelar as questões de movimento, a escolha musical exigiu um exercício de aceitação e uma busca rápida em um universo possível para as

propostas. Mas na apresentação, a música falhou. A coreografia seguiu seu curso sem música, desafiando a conectividade das pesquisadoras bailarinas e seus objetos de estudo. "O final programado sofreu modificação, modificando sentido e dramaturgia de modo a colocar de forma intensa todos os conceitos em suspensão: não houve BO (sic) e nós caímos no chão de mãos dadas ao descermos do banco." (SASTRE, 2015) (anotações diário de pesquisa) O movimento foi afetado, a coreografia foi afetada. As tensões entre forma coreográfica definida e espaços de jogo e improvisação começaram a ser objeto de jogo, pergunta de pesquisa e estudo.

Para uma segunda apresentação, uma das participantes não poderia estar presente. O Seminário Integrado de Extensão Ensino e Pesquisa da Universidade Estadual do RS é um evento itinerante em uma Universidade que ainda visa constituir seus espaços acadêmicos em suas diferentes unidades de ensino espalhadas em multi-campi pelo Estado. A estrutura física oferecida pela Mostra de dança inverno estaria longe daquela que o V SIEPEX poderia oferecer. Ainda assim, a proposta que se configurou foi uma participação em vídeo da imagem projetada da integrante ausente em jogo com a movimentação já configurada. A avaliação desta proposta foi contundente: aquilo que se desenhou quase que de imediato no processo de criação foi fruto de um processo que visava condições de palco para a apresentação, e um "pacote" de noções de uso de caixa preta e de coreografia, sobretudo por ser constituído por momentos de jogo em roda entrelaçada entre as integrantes, a música e a luz. E a pergunta que emerge torna-se nova questão: e por que não desconstruir o recém construído em fragmentos performativos capazes de operar em espaços alternativos em congruência como proposta de pesquisa, mas com momentos singulares em conexão poética dentro e fora? Eis o estado da arte da pesquisa que se apresenta. Mas é também importante mostrar o quanto o projeto de extensão produzido após as duas apresentações também alimentou os questionamentos individuais e as articulações entre criação e educação.

Problemas de pesquisa individuais para criação em dança: uma das três

Na percepção inicial, quando o nome Bruta Flor ainda não existia, registro que o início consiste em olhar para um espaço vazio,

já que nada há lá e nada ainda foi feito e resta encarar a vertigem do abismo de todas as possibilidades, já que nenhuma foi escolhida. Tudo cabe no vazio, até que o menor dos movimentos aconteça e então é tarde: nunca mais haverá esse momento do nada, algo foi feito. Existir nesse momento inicial instável de tensionamento faz com que a preocupação se restrinja a somente estar presente, aqui e agora, no jogo dos corpos, tempo e espaço. Despedir do que nunca existiu era a mais difícil das minhas tarefas.

Após primeiros contatos lidava com o meu desejo de mover o corpo. Minhas perguntas eram “o que eu quero?” e “do que eu gosto?”. Minhas questões de pesquisa envolviam mover o corpo de forma a dar continuidade a algo que era uma sensação, portanto no tempo presente e do drama (eu gosto assim) mas também um desejo, portanto no tempo porvir e lírico (eu quero assim); sem perder nem um nem outro.

Na fronteira entre tudo que meu corpo improvisa no espaço-tempo do ensaio e tudo aquilo que ainda poderia fazer mas não o fiz, os momentos moviam minhas perguntas. Às vezes não me movo porque quero, e então descarto e paro o que faço. Às vezes não gosto de me mover de certa forma, e então volto para algo que mova novamente o gostar. “Bruta flor do querer”.

Em um momento das improvisações, meu corpo deitado e meus pés no ar tornaram-se apoio ao corpo da Cibele. Algo naquela estrutura dinâmica de corpos apoiados resolvia minhas duas perguntas em uma: eu gosto dos meus desejos, eu desejo o que eu gosto. Gosto da força de ser suporte, gosto de impulsionar, quero mover-me assim. O corpo do outro apoiado inaugura um lugar, um território, uma paisagem: existe uma estrutura em que me movo porque gosto/quero. Existe uma estrutura que conta que meu corpo já esteve ou poderá estar ali, borrando o tempo presente e o porvir, o dramático e o lírico.

A estrutura dos corpos reedita-se no objeto de um cubo preto de madeira. Mas um cubo é qualquer coisa, é nada/é tudo, e o vazio já não havia. Então talvez uma cadeira? Pergunta nova, semi-pergunta. Mas a cadeira é muita coisa e a cadeira eu não quero. Meu desejo, meu querer, é menor, menos coisa. Assim, quero um banquinho. Pronto, gosto de mover ali e quero me mover ali.

Encontros com quem faz Arte e Educação performativa em dança: um fora que é dentro

Num momento de desejo de articulação com outros pares e projetos, os campos de estudo tornaram-se pontuais: educação somática e presença; dança e educação; danças brasileiras e presença. Para cada um destes campos, foi proposta uma atividade no projeto de extensão Encontros com quem faz arte e educação performativa em dança: uma oficina de contato improvisação e *body-mind centering*, BMC® com Luciana Hoppe; debates sobre criação em dança nas escolas com Alexandra Castilhos Moojen e Susana França e Daqui pra lá de lá pra Cá – danças afro-brasileiras contemporâneas com Mano Amaro. Todas as convidadas são egressas do Curso de Graduação em Dança – Licenciatura da UERGS, atuantes nas áreas para as quais foram chamadas. Mano Amaro é um bailarino, coreógrafo e professor gaúcho que há quase 20 anos mudou-se para a Bélgica onde reside atualmente. Sua trajetória passa pela formação artística não formal num circuito de danças afro-brasileiras e dança contemporânea no RS, que o levou a questionamentos fundamentais no ensino e na prática destas danças e ao trânsito entre a cultura popular e a dança cênica também produzindo questionamentos relacionados às danças de caráter religioso dentro da cultura afro-brasileira, retomando indagações afinadas com as do método Bailarino Pesquisador Intérprete - BPI, proposto por Graziela Rodrigues no Brasil.

Ampliar a discussão com pessoas convidadas e compartilhá-las com alunos da graduação mostra-se um meio de fazer as perguntas voltarem ao corpo das pesquisadoras: o que a prática e minha vivência dilata em meu corpo como ação? Que traços de movimento, que linhas espaciais, que objetos, que figuras me representam, aqui, agora? Dito de outro modo, por que uma oficina de *Body-Mind Centering* (BMC), por exemplo, seria relevante no contexto da prática pesquisa ou das poéticas da dança contemporânea? Mesmo parecendo muito evidente para os iniciados na questão, é importante apresentar o caminho que se desenha entre uma prática que é relevante dentro do contexto da Educação Somática e o modo como esta prática produz presença, dispõe o corpo ao movimento e à criação, e realiza no trânsito entre a cinestesia e a sinestesia uma relação entre o dentro e o fora do corpo, e o dentro e o fora da relação que se estabelece

com outros corpos.

Quinta feira, 29/10/15: prazer, confiança, entrega, diz o registro das primeiras impressões da prática realizada com Hoppe na oficina ministrada no palco da UERGS em Montenegro. Ali,

trabalhamos a respiração, a relação dentro-fora sob a ótica da entrada do ar nos pulmões, na traquéia, na árvore dos brônquios e a relação com o movimento do diafragma... com o movimento espinhal. Trabalhamos o fluxo que através das transferências de peso sutis para diferentes partes do corpo, abria-o. Tudo re-acomoda. [...] o contato com o corpo do outro produz fluxos de movimento inesperados e desejados. Bruta flor do querer. (SASTRE, 2015, s.p.).

Bruta flor do querer (um caminho de inconclusões)

Tanto a prática artística quanto a produção textual modulam-se no fazer. O caráter formativo do texto-palavra e do texto-corpo requer entusiasmo pelo percurso que se costura na artesanaria das relações, dos compartilhamentos de ternuras e tensões. O percurso desta pesquisa realiza, no corpo deste texto, certos *quereres*, mantendo bruta a flor que se desdobra da semente. Como diz a poesia de Caetano Veloso inspiradora de toda esta prática e *onde pisa o chão minha alma voa e ganha liberdade na amplidão*.

Referências

DEFFACI, Kátia S. Diário de pesquisa, 2015. n.p.

DENZIN, Norman K. Performance Ethnography: critical pedagogy and the politics of culture. Thousand Oaks: Sage, 2003.

FERNANDES, Ciane. Sobre Corpos Vivos: pulsões de uma autenticidade em movimento. Encontro Teatro, Goiânia, n. 3, n.p., 2015. No prelo.

HASEMAN, Brad C. Manifesto for Performative Research. Media International Australia Incorporating Culture and Policy, Brisbane, n. 118, p. 98-106, 2006. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/3999/1/3999_1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2014.

KERSHAW, Baz. Practice as Research: an introduction. In: ALLEGUE,

Ludivine et al. (Org.). *Practice-as-Research in Performance and Screen*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. p. 1-16.

LOPES, Sílvia. *Anotações no diário de pesquisa*. 2015.

LOUPPE, Laurence. *Poética da Dança Contemporânea*. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

SASTRE, Cibele. *Diário de pesquisa*, 2015. n.p.

SASTRE, Cibele. *Entre o performar e o aprender. Práticas performativas, Dança Improvisação e Análise Laban/Bartenieff em movimento*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2015. 262f.

VELOSO, Caetano. *O Quereres*. Do Album **Velô**. Polygram, 1984.